

Editorial

É com grande satisfação que lançamos mais este número da Revista Em Tempo de Histórias, ainda que em um cenário marcado por profundos ataques às universidades, ao pensamento crítico e ao conhecimento *histórico*. Apesar das permanentes ações governamentais dedicadas a minar o trabalho intelectual, nossos esforços têm se concentrado na direção de manter ativos os canais de difusão da produção historiográfica, como meio de conferir visibilidade às pesquisas realizadas em diferentes instituições do país, especialmente na pós-graduação.

Os sete artigos que compõem esta edição trazem significativas contribuições para o debate em andamento, pois, no bojo da diversidade de abordagens e temas que os configuram, colocam em movimento tensões, elementos, problemáticas e objetos fundantes do campo da História.

O primeiro texto, “*A música sertaneja no circo-teatro: notas sobre a trajetória artística de José Fortuna (1950-1980)*”, de autoria de Jaqueline Gutemberg, revela uma trajetória de investigação em torno da produção artística de José Fortuna, a partir da lida com uma ampla documentação. Gutemberg propõe pensar as complexidades e ambiguidades envolvidas no fazer artístico de Fortuna, sem descuidar de relações sociais mais amplas que forjavam aquele tempo.

Em seguida, Izidro Justino Muhale, Leila da Costa Ferreira e Jurandir Zullo Júnior, no artigo “*Reconstrução dos eventos e documentos da institucionalização ambiental em Moçambique: uma contribuição para a História Ambiental*”, discutem uma problemática inovadora no âmbito da produção acadêmica brasileira, dedicada a historicizar os eventos e documentos que foram mobilizados na institucionalização do debate sobre o ambiente, em Moçambique, no período de 1980 a 2014.

Em “*O tempo mítico nos fanzines de heavy metal*”, José Eduardo Oliveira Nascimento e Edwar Castelo Branco procuram identificar e analisar narrativas míticas presentes nos fanzines de heavy metal que circularam na cidade de Teresina no período entre 2000 a 2014, a fim de desvendar os significados do “tempo mítico” no contexto do *heavy metal*.

Na sequência, em “*O século II em perspectiva: ou, da grandeza do Império à ficção da vida privada*”, Igor Cardoso reflete sobre três perspectivas historiográficas sobre o Império romano helenizado sob o domínio dos Antoninos, tentando evidenciar as lacunas de cada uma das três perspectivas, de modo a questionar os conflitos e os jogos de poder, as metodologias históricas para o estudo de obras fictícias, além do humor e da ironia como partes constitutivas de algumas obras literárias.

Os três próximos textos, ainda que com seus distanciamentos, têm como eixo comum o foco na Guerra dos Cem Anos. Flávia Aparecida Amaral, em “*Guerra dos Cem Anos e Cruzadas: a literatura entre a verdade dos fatos e a verdade do sentido*”, analisa a narrativa a respeito das Cruzadas no texto literário *Mélusine ou la noble histoire des Lusignan*, escrito durante a Guerra dos Cem Anos.

No artigo “*Inglaterra, uma nova Israel: usos do Deuteronômio, espaço imaginário e legitimação no discurso cronístico da Batalha de Agincourt – século XV*”, de autoria de Caio de Barros Martins Costa, são analisados os elementos do Deuteronômio presentes nas crônicas inglesas do século XV, especialmente relacionadas aos reis Lancaster, e como, num discurso sobre a Batalha de Agincourt, em meio à Guerra dos Cem Anos, formou-se uma ideia de reino e identidade baseados em discursos do Antigo Testamento.

Finalmente, Stephanie Sander reflete, em “*O livre des faits d’armes et de chevalerie e a Guerra dos Cem Anos: produto ou influência?*”, sobre a obra *Livre des Faits d’Armes et de Chevalerie* (1410), de Christine de Pizan, buscando apontar novos ângulos para se pensar a Guerra dos Cem Anos.

No conjunto, os textos expressam a amplitude dos horizontes relativos ao fazer historiográfico, em diálogo com outros campos do saber, e oferecem um rico e instigante repertório. Desejamos a todos/as uma excelente leitura!

Artur Nogueira Santos e Costa
Conselho Editorial